

MARÉ ALTA

HIGH TIDE

Ana Luiza Mendes

Ela estava parada com os braços cruzados protegendo o colo nu e molhado. Ela sentia todos os ossos do seu corpo tremendo, mas ainda assim não conseguia se mover. Continuava estática, sentindo seus pés sendo engolidos pela areia que se fazia permeável por causa do incansável toque das ondas. Ela se perguntou quanto tempo precisaria ficar parada ali para ser tragada por inteiro.

Ela deu um sorriso cansado e abriu os olhos. À sua frente o sol se punha no fim do oceano. Olhou para o lado e viu algumas gaivotas alçando voo e atingindo as ondas onde pescavam seu jantar. Isso a acordou. Deu um profundo suspiro, como se isso fosse necessário para reunir forças para mover seus pés que agora já estavam totalmente integrados com areia e com o mar.

Ao invés de seguir caminho ela se sentou, fechou os olhos novamente e permaneceu por um tempo escutando a música que o mar cantava. Por um minuto esqueceu do mundo. Esqueceu porque estava ali. Por um minuto respirou aliviada.

Ao deixar cair sua mão na areia, ao lado do corpo cansado e dolorido, sentiu algo no bolso do vestido. Displícitamente o Tateou e retirou pedaços de papel desgastados pelo tempo e marcados pelas repetidas leituras e pela dor. Mesmo sabendo de cor todas as palavras que estavam escritas nele, parecia que tinha que ler novamente para se convencer do que elas significavam.

Na primeira folha cintilavam doces palavras. Ela sorriu e se transportou para aquela noite em que a chuva era a trilha sonora. Cada carta lida era suavemente colocada ao lado, sob a areia. Algumas eram arrebatadas pelas ondas, outras eram levadas pelo vento. Após ler a última carta, ela se levantou e voltou pela trilha marcada por suas próprias pegadas que ainda não tinham se apagado. Entendeu isso como um sinal de que precisava regressar para o começo dela...ou para o fim...

Quando começou a caminhada já não estava mais tremendo. Sentia seus ossos, seus músculos, não porque eles reclamavam de maus tratos, mas porque, pela primeira vez depois de muito tempo, sentia-se viva.

A última pegada dava para um pequeno portão azul salpicado de vermelho. Ainda estava aberto. Ninguém passou por ele depois dela. Entrou, e enquanto subia a escada, percebeu que o toca-discos ainda estava ligado. Gritava *I was happy in the haze of a drunken hour, but heaven knows I'm miserable now* (Eu estava feliz na bruma de uma hora embriagada, mas o céu sabe que estou miserável agora). Deixou a música tocando. Sabia o que ela estava dizendo.

Foi para o quarto. Pulou por cima da sua vida espalhada pelo chão. Olhou ao redor e sentiu uma confusão de sentimentos, mas se deu conta de que a vida não estava mais ali. Parou em frente ao espelho, tirou o vestido e olhou para o seu corpo cansado e marcado. Ficou assim por algum tempo, quase perdendo a coragem...

Recobrou a consciência quando escutou o barulho da agulha errando a faixa e repetindo a mesma melodia. Ela não podia ser aquela agulha. Vestiu-se novamente e começou a guardar numa mala velha o que conseguia encontrar de si. Até que havia bastante coisa.

Fechou a mala, deu uma última olhada para o quarto, passou pela sala e parou por um instante diante ouvindo aquela música repetida.

Fechou a porta da sala, fechou o portão azul e seguiu pelo caminho que trilhava pela última vez e que agora tinha suas pegadas apagadas pela maré alta.